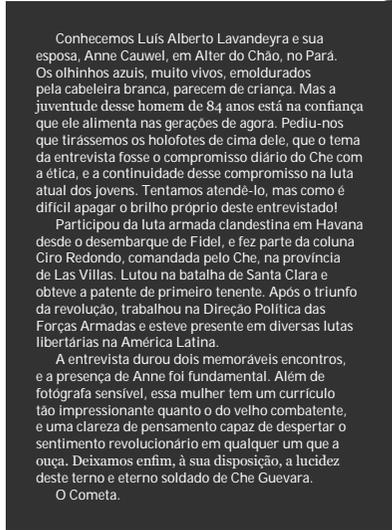


## Entrevista Luís Lavandeyra

# O soldado da ética do Che

ANNE CAUWEL



Conhecemos Luís Alberto Lavandeyra e sua esposa, Anne Cauwel, em Alter do Chão, no Pará. Os olhinhos azuis, muito vivos, emoldurados pela cabeleira branca, parecem de criança. Mas a juventude desse homem de 84 anos está na confiança que ele alimenta nas gerações de agora. Pediu-nos que tirássemos os holofotes de cima dele, que o tema da entrevista fosse o compromisso diário do Che com a ética, e a continuidade desse compromisso na luta atual dos jovens. Tentamos atendê-lo, mas como é difícil apagar o brilho próprio deste entrevistado!

Participou da luta armada clandestina em Havana desde o desembarque de Fidel, e fez parte da coluna Ciro Redondo, comandada pelo Che, na província de Las Villas. Lutou na batalha de Santa Clara e obteve a patente de primeiro tenente. Após o triunfo da revolução, trabalhou na Direção Política das Forças Armadas e esteve presente em diversas lutas libertárias na América Latina.

A entrevista durou dois memoráveis encontros, e a presença de Anne foi fundamental. Além de fotógrafa sensível, essa mulher tem um currículo tão impressionante quanto o do velho combatente, e uma clareza de pensamento capaz de despertar o sentimento revolucionário em qualquer um que a ouça. Deixamos enfim, à sua disposição, a lucidez deste termo e eterno soldado de Che Guevara. O Cometa.

**Beto Vianna** – Luís, fale pra nós da sua família. De onde surgiu Luís Lavandeyra?

**Luís Lavandeyra** – Por parte de pai, minha família é galega. Minha bisavó é prima-irmã de Carlos Manuel de Céspedes<sup>1</sup>, e quando eu nasci minha avó me cobriu com a bandeira de Cuba. Do lado da minha mãe, que morreu quando eu nasci, a família é de origem franco-judia, e somos parentes de Federico Tinoco<sup>2</sup>, que foi ditador da Costa Rica.

**BV** – O seu pai, ou o seu avô, viveu em Minas, não foi?

**LL** – Os dois. Meu avô, Lavandeyra, um engenheiro, foi para Diamantina procurar ouro e diamante. Depois foi presidente da companhia inglesa de borracha de Manaus. Meu pai estudou com os dominicanos em Diamantina. Eu nasci em Paris, mas meu ambiente familiar sempre foi latino-americano. Toda a minha vida eu ouvi falar da América Latina. Toda vez que eu conversava com os *franchutes* [franceses], eles achavam que eu era estrangeiro. Mas eu falava um espanhol *chapurreado* [sujo, misturado].

**BV** – Como foi sua ida para a América Latina?

**LL** – Fui para a Guatemala depois dos meus estudos em ciências políticas.

**Ariel Vianna** – Você já se interessava por política? Já era de esquerda?

**LL** – Sim, na minha universidade havia um núcleo de comunistas. Cheguei na Guatemala no tempo do Arbenz<sup>3</sup>. Arbenz era um simpaticante dos comunistas, e eu havia conhecido Luís Cardoso<sup>4</sup> na França. Ele tinha sido embaixador da Guatemala na União Soviética. Ao chegar à Guatemala, fiquei também amigo de Muñoz Mian, que havia sido Ministro das Relações Exteriores. Na luta, ocupei-me especialmente dos índios. Havia um imposto sobre a venda de flores, que era quase toda a forma de rendimento dos índios, e eu lutei contra esse imposto. Os americanos derrubaram



Em Cuba eu me meti rapidamente na luta contra o ditador Batista e vivi na clandestinidade. Eu estava com o movimento estudantil antes do desembarque de Fidel, e finalmente no Partido Comunista Cubano

Arbenz quatro anos depois, foi horrível. Não tive apoio da embaixada francesa. Estive nas brigadas de resistência, fui preso e fiquei atrás das grades na Guatemala por vários meses. Mas como minha família era rica, acabaram me tirando da cadeia, e voltei pra França.

**AV** – Quando você conheceu o Che?

**LL** – Conheci o Che quando ainda estava na Guatemala. Ele estava com Hilda Gadea<sup>5</sup>. Só não me pergunte sobre datas. O que pensei, na época, sobre o Che? Ualalá! Achei o Che um médico muito interessante!

**BV** – Como você foi pra Cuba?

**LL** – Em Paris, eu estava casado com uma francesa, e o pai dela me disse: nunca leve a minha filha para a América Latina. Acabei indo pra Cuba [risos]. Em Cuba eu me meti rapidamente na luta contra o ditador Batista e vivi

na clandestinidade. Eu estava com o movimento estudantil antes do desembarque de Fidel, e finalmente no Partido Comunista Cubano. A direção do partido me mandou para Las Villas, para entrar na guerrilha. O Che já estava em Placeta<sup>6</sup> e me recebeu ali. Ele me perguntou: o que você quer? Se ocupar de economia? E eu disse: não, eu quero combater. Então o Che me mandou de segundo chefe com o Pelotão 3, com o capitão Moisés Perez, cujo nome verdadeiro era Pablo Ribalta. Tive muitos contatos com o Che na luta em Santa Clara, mas fui amigo, mesmo, do Camilo<sup>7</sup>.

**BV** – Sim, fale pra gente do Camilo. Ele era mesmo um cara gozador, como a gente ouve dizer?

**LL** – Sim, muito, e o Che também. O Che sempre foi irônico, fazia piada, ele tinha essa coisa de nos dar lições incríveis, seríssimas, usando o bom humor. Mas nunca fomos íntimos. Com o Camilo era diferente. Desde o momento que vi Camilo, simpatizei-me com ele imediatamente, e tivemos algo muito especial. Era engraçado, porque as mulheres adoravam tanto o Che quanto o Camilo, os dois eram muito charmosos, bonitões, além do charme do comando, é claro [risos], mas o Camilo era o mulherengo, o Che era mais reservado. Um dia Camilo me chamou para comer na Havana Hilton, mas não comemos no hotel, comemos na cozinha, com os cozinheiros. Nos divertimos e aprendemos muito, foi incrível.

**BV** – Porque esse mistério me torno da morte do Camilo?

**LL** – Vou te dizer uma coisa: não há mistério nenhum! O mistério só existe na propaganda anticubana, que quer que as pessoas acreditem que o governo abafou o caso, que tenta esconder o que aconteceu, como se o governo tivesse alguma coisa a ver com a morte do Camilo.

**BV** – Você já tinha nos contado que estava de guarda na noite do seu desaparecimento...

**LL** [emocionado, os olhos cheios d'água] – Estava, sim. Puseram-me na direção política da propaganda escrita e oral das Forças Armadas. Eu estava de guarda no Estado Maior, e todas as notícias chegavam a mim, para eu comunicar aos chefes. Então, eu estava na noite em que o aviãozinho caiu no mar vindo de Camaguey para Havana. O tempo estava tão ruim que as linhas comerciais que passavam sobre Cuba eram desviadas. Imagina o aviãozinho de Camilo! Eu não sabia se Camilo estava sozinho, se estava pilotando ou não, porque o Che e o Camilo haviam aprendido a pilotar. Desde então, no aniversário da morte de Camilo, o povo joga flores no mar.

**BV** – Como foi sua participação em Santa Clara?

**LL** – Eu tive que fazer frente aos ataques de tanque no bairro El Comodoro. Foram quatro dias de luta em Santa Clara. Estive no ataque ao quartel

Leoncio Vidal. Num desses ataques, fui ferido no peito e segui combatendo. Fui ferido salvando um companheiro, e isso é fundamental na guerrilha. Quando chegamos a Havana, o Pelotão 3 formou a polícia militar da cidade. Entregaram a mim a responsabilidade pela formação política da tropa revolucionária de La Cabana, que era a tropa de Che. Tive contatos muito interessantes em Havana. Por exemplo, com o general Bayo<sup>8</sup>, que foi quem deu formação a Fidel e ao Che no México. Era um republicano espanhol, que dava cursos na América Latina.

**AV** – Você disse que queria falar sobre a ética do Che. E que nós, estudantes, podíamos aprender com a preocupação diária do Che com a ética. Como é isso?

**LL** – Vou te dizer uma coisa. Esse era um compromisso diário do Che. Todos os seus atos eram uma lição, para nós todos, de como um verdadeiro revolucionário deve ter esse compromisso diário com a ética. Por exemplo, no exército rebelde, todos os soldados comiam antes de todos os oficiais.

**AV** – Você pode contar alguma história, de algum fato que você presenciou na sua vivência com o Che, que mostra essa preocupação dele?

**LL** – Eu tenho um monte de histórias sobre como o Che colocava a ética antes de qualquer coisa. Cada minuto que passei com ele são minutos que recordo com uma emoção incrível. Uma vez, estávamos diante de um camponês que tinha uns filhinhos muito magrinhos, depauperados. O Che perguntou se ele não teria uns frangos para nos vender. Na mesma hora, todos nós pensamos: vamos ter aí uns *pollitos* para comer! [risos] E o Che disse ao camponês: comprei estes frangos para que você dê de comer aos seus filhos. E da próxima vez que eu passar aqui vou checar se você realmente alimentou sua crianças. Ualalá! Esta é uma dentre mil histórias do Che. A humanidade extraordinária do Che diante de todos os problemas.

**AV** – Houve um caso, lembro você comentar antes da entrevista, que ocorreu com você, pessoalmente.



ARTHUR VIANNA

O Che sempre foi irônico, fazia piada, ele tinha essa coisa de nos dar lições incríveis, seríssimas, usando o bom humor.

**LL** – Claro, até comigo, pessoalmente, como com todos os companheiros! Um dia, o Che me disse que meu nome estava em uma lista de gente que os gringos queriam matar, e estava preocupado. Isso só porque o meu nome aparecia antes do dele! Ou pequenas coisas, mas que a gente não esquece nunca, como quando tirou seu casaco e me emprestou, porque eu tinha frio. Ele era um homem incrível.

**BV** – Mas ele também sabia ser rígido com a tropa, não? Exigia um comportamento impecável dos seus comandados no que diz respeito à ética... Isso transparece muito no filme "Che", do Steven Soderbergh. Uma rigidez, mas uma rigidez humana.

**LL** – O Che dizia sempre que não há que ser tolerante com os erros, mas também não temos que ser implacáveis! Um dia, ele reúne todos os oficiais e diz: como vocês são muito vaidosos, eu entendo que vocês saiam com suas pistolas pelas ruas, mas não saiam com armas grandes. Então, diz o comandante Sardina: "mas nós temos que sair com as armas, temos que nos proteger". E o Che: "não, porque até aquele momento, nós protegíamos o povo revolucionário, e agora é o povo que nos protege". Sardina insiste no seu argumento, e o Che lhe diz: "Essa é a segunda vez que você desobedece uma ordem minha. Uma vez, em Sierra Maestra, eu lhe dei uma ordem para passar por um caminho, e você passou por outro, e houve mortos e feridos" (no exército rebelde, quando havia um morto ou ferido, Che perguntava quem havia dado a ordem para saber de quem era a responsabilidade). E diz o Che: "Como era você que estava no comando, eu o acusei. Você só foi salvo porque houve um voto ao seu favor". E imagina de quem foi esse voto? Do Che. É claro. Isso porque, na sua lógica incrível, que era a lógica do compromisso diário de nos ensinar

Eu tenho um monte de historias sobre como o Che colocava a ética antes de qualquer coisa. Cada minuto que passei com ele são minutos que recorro com uma emoção incrível

a todos, o Che não poderia acusar o Sardina e depois votar contra ele!

**BV** – Antes da entrevista, você nos contou a história de outro Sardina. Ou era o mesmo? Lembro que você disse “padre Sardina”, que não esqueço porque aqui no Brasil temos o bispo Sardinha, comido pelos índios...

**LL** – É outro. Aquele da história das armas era o comandante Sardina. E tinha um padre nas tropas, que tinha o mesmo sobrenome. Uma vez o Che disse aos guerrilheiros: vocês estão proibidos de olhar para as jovens camponesas, porque elas podem ter um namorado, ou até um pai, ou um irmão, que podem vigiá-las. Se algum de vocês olhar para uma camponesa, vou levá-lo imediatamente até o padre Sardina e você vai ter que casar com a moça! [muitos risos].

**BV** – Não perdia a revolução nem a piada.

**LL** – O Che tinha esse jeito de resolver uma coisa, que na verdade era muito séria, com bom humor. Mas o Che sabia ser sério, também. Ulalá! Num ataque um pouco antes de Santa Clara, estávamos fazendo uma emboscada, e o Che disse: se eu não disparar, ninguém dispara. E o Che não disparou. Ficamos espantados, e lhe perguntamos a razão daquilo. Então ele diz: porque todos aqueles miseráveis são gente do povo, e se nós ganharmos a luta, como vamos olhar nos olhos dos seus órfãos e viúvas? Em outra ocasião, já no poder, numa mobilização contra os americanos, cai a pistola do Che e ela dispara, atravessando sua bochecha. Levo Che a um médico e na hora de dar os pontos ele recusa a anestesia, alegando que quando estava em Sierra Maestra não havia anestésicos, e agora queria saber qual era a dor que seus companheiros sentiam! O que eu sempre vi no Che era, apesar de ser um tipo bastante exigente, rigoroso, essa capacidade de sensibilidade humana incrível no trato com o povo, no trato com os homens e com as mulheres.

**BV** – Você acha que essa era uma característica do Che, e só dele? Podemos continuar a luta por um mundo mais solidário, com as mesmas esperanças de

antes, sem a figura viva do Che ao nosso lado?

**LL** – O importante não é só o que pensava ou como agia o Che. Primeiramente, Che Guevara sempre teve um pensamento que é um pensamento bolivariano.

**BV** – Isso é um problema na visão estreita que cultivamos no Brasil, da forma como acontece a nossa educação. E como se vivéssemos desvinculados da América Latina. Na escola, nossas crianças nunca ouvem falar em Martí, em Bolívar...

**LL** – Pois esse pensamento bolivariano era uma das maiores características do Che. Ele pensava sempre na “pátria grande”, nessa pátria que vai do Rio Bravo até a Patagônia. Ouvi Che dizer muitas vezes: eu não falo só de América Latina, que seria o mais cômodo, mas falo da América latina, índia e negra. Lembro-me inclusive que o Che dizia uma coisa que parecia muito com o que diz Hugo Chávez sobre o amor: não se faz revolução sem amor.

**BV** – O filme de Soderbergh mostra Che dizendo aquela sua famosa frase: “o verdadeiro revolucionário é movido por sentimentos de amor. É impossível imaginar um autêntico revolucionário sem essa qualidade”.

**LL** – Você me perguntou se há esperança sem Che. Pois vou te dizer que quando alguém vê como o pensamento de Hugo Chávez, de Evo Morales e de Rafael Correa parecem um eco do pensamento de Che, a impressão que se tem é que ele ainda está vivo.

**AV** – Pessoas que a grande imprensa no Brasil chama de ditadores...

**LL** – E que ditadores mais estranhos! Sob a influência de Fidel e de Che, quando se formou o novo partido comunista cubano, foi pedido a todos os grupos - estudantes, operários, camponeses, os grupos de mulheres, os soldados - que fizessem uma lista dos melhores entre eles, e esses tinham que escrever o que haviam feito na luta revolucionária. Foi a



ANNE CAUWEIL

primeira demonstração de democracia participativa na formação de um partido!

**BV** – É o que estamos vendo nos processos eleitorais, os referendos populares na Venezuela, na Bolívia, e em outras políticas participativas desses países, como nas leis de audiovisual da Venezuela, que democratizam o controle e o acesso à mídia.

**AV** – Qual é a grande mensagem que o Che queria nos passar? Como nós, jovens, podemos aprender com as lições de Lula Vandeyra e de Che Guevara?

**LL** – Vou te dizer uma coisa. Há, sim, uma grande mensagem, que era a mensagem que nos passava tanto o Che quanto Fidel. A inteligência, a compreensão das coisas, não pode faltar a inteligência. E a valentia não pode faltar a inteligência. Eles diziam que as duas coisas vêm em par: saber pensar e saber defender as Ideias. Veja bem, o Che e eu somos de 1928, ele de Junho e eu de Janeiro, e eu não me sinto um homem velho. Porque o Che tinha essa juventude incrível, então o pensamento de Che era o pensamento de um jovem. E esse pensamento os jovens entendem muito bem. Ulalá! Quero dizer com isso que está passando o tempo daqueles da minha geração. São os jovens de hoje que realizarão aquilo que Bolívar há 200 anos, e o Che há 50 anos, sonhamos. Uma América latina, Índia e negra. Que é o mesmo que dizer uma América fraterna, igualitária e livre.

**Alter do Chão, 22 e 24 de dezembro de 2012**  
**Tradução e revisão: Renata Barbosa e Beto Vianna**

1. Vandeyra pode estar se referindo ao presidente Carlos Manuel de Céspedes (1818-1874), que libertou os escravos e declarou a independência de Cuba em 1868, ou a seu filho Carlos Manuel de Céspedes y Céspedes, ou ainda ao filho de Céspedes com sua segunda mulher, Carlos Manuel de Céspedes y Quesada, também presidente de Cuba por um curto período, em 1933 (O Cometa).

2. Após estabelecer uma ditadura militar opressiva na Costa Rica por dois anos, Federico Tinoco renunciou em 1919 e foi para o exílio em Paris, onde nasceu Vandeyra.

3. Jacobo Arbenz Guzmán foi presidente da Guatemala

de 1951 a 54. Tentou fazer a reforma agrária e foi deposto por um golpe de Estado tramado pela CIA. Morreu no exílio no México, em 71.

4. Luis Cardoza y Aragón foi um escritor, ensaísta, poeta, crítico de arte, político e diplomata guatemalteco. Já foi embaixador de seu país nos EUA, Noruega, Uruguai Soviética, Colômbia, Chile e França. No regime de Jorge Uricó, nos anos 30, exilou-se no México, e com o fim da ditadura voltou para a Guatemala onde foi eleito para Assembleia Nacional Constituinte. Na guerra civil, voltou para o México, onde trabalhou no El Nacional e associou-se a intelectuais como o pintor Diego Rivera.

5. Hilda Gadea Acosta foi uma economista peruana, líder comunista, autora da primeira mulher com cargo executivo na Aliança Popular Revolucionária Americana, no Peru. Foi a primeira mulher de Che e mãe de seu primeiro filho. Conhecido o Che na Guatemala em 1953, apresentando-o a vários rebeldes cubanos, e se divorciaram em 59. Viveu em Havana até sua morte, em 1971.

6. Município da província de Las Villas, vizinho de Santa Clara.

7. Camilo Cienfuegos foi um dos principais líderes da Revolução Cubana, ao lado de Fidel, Che e Raúl. O

avião em que estava Camilo desapareceu no oceano e causou comoção no povo cubano, que durante vários dias procurou, sem sucesso, algum vestígio do líder guerrilheiro.

8. Alberto Bayo y Giroud nasceu em Cuba e foi poeta, ensaísta, e líder militar dos legalistas na Guerra Civil Espanhola, comandando a invasão das Ilhas de Ibiza e Mallorca. Depois da guerra, foi inator na Academia Militar de Guadalajara, no México, e mentor de importantes revolucionários latino-americanos, como Che Guevara e Fidel Castro. Morreu como general das Forças Armadas cubanas.

# 40 anos sem Alexandre Vannucchi Leme

O estudante da USP foi torturado no DOI-CODI pela equipe do Brilhante Ustra e morreu em 17 de março de 1973.

MARIA CAROLINA BISSOTO  
Especialista em Direito Constitucional  
pela PUC.Campinas

No dia 17 de março completam-se quarenta anos da morte do estudante de Geologia da Universidade de São Paulo (USP), Alexandre Vannucchi Leme. Preso em 16 de março de 1973 por agentes do DOI/CODI-SP, foi torturado primeiramente pela Equipe C, chefiada pelo delegado de polícia conhecido pelo nome de “Dr. Jorge”, e no dia seguinte foi torturado pela Equipe A chefiada pelo torturador de nome “Dr. José”, todos orientados pelo então comandante do DOI-CODI, Carlos Alberto Brilhante Ustra.

No dia 17 de março de 1973 foi torturado até por volta do meio-dia, sendo em seguida colocado na cela-forne. Por volta das 17 horas, o carcereiro ao retirá-lo da cela para mais uma sessão de tortura, constatou que Alexandre estava morto. O corpo foi arrastado da cela pelas pernas, fato presenciado pelos demais presos recolhidos ao DOI-CODI naquele dia. A morte de Alexandre foi justificada pelos torturadores para os demais presos como tendo sido provocada por suicídio com a utilização de uma lâmina de barbear. Somente no dia 23 de março sua morte foi divulgada pelos órgãos da repressão, sendo adotada a versão que teria sido atropelado ao tentar fugir da prisão. Versão esta desmentida por vários presos políticos perante a 1ª Auditoria Militar.

No dia 20 de março de 1973, seus pais que viviam em Sorocaba no interior de São Paulo, receberam um telefonema anônimo dizendo que Alexandre se encontrava preso no DOPS/SP. Entretanto, ao procurar o filho neste e outros locais só recebiam negativas. Mal sabiam que o filho neste momento já estava enterrado em uma cova clandestina no cemitério de Perus, fato que só viriam a saber alguns dias depois quando sua morte já havia sido anunciada pela imprensa e ao procurarem o IML/SP receberam esta informação. Entretanto, somente conseguiram resgatar os restos mortais do filho dez anos depois, quando seu corpo foi levado para Sorocaba.

Um fato muito importante que evidencia a farsa de sua morte foi a fala do delegado Sérgio Paranhos Fleury ao pai de Alexandre ao atendê-lo no DOPS. Fleury disse que Alexandre teria se suicidado e sido enterrado como indigente por não ter documentos. Porém, ao conversar com outro delegado, Edsel Magnotti, o pai de Alexandre ouviu que o filho havia sido atropelado por um caminhão, percebendo que nem haviam tido tempo de combinar a versão que

seria dada a morte do seu filho. Sua morte causou uma grande comoção no meio estudantil. Em várias faculdades da USP decretou-se greve pelos estudantes. A sociedade se mobilizou em protesto contra o assassinato de Alexandre, fato que é esquecido muitas vezes quando se discute sobre os militares no Brasil, pois geralmente destaca-se outro importante protesto religioso como o início da oposição contra as violações aos direitos humanos praticadas durante o regime militar que foi a morte do jornalista Vladimir Herzog dois anos depois.

No dia 30 de março de 1973, o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns celebrou uma missa na Catedral da Sé com a presença de três mil pessoas, que compareceram a missa apesar da intensa repressão policial.

Em 20 de abril de 1973, a mãe de Alexandre, Egle Maria Vannucchi Leme, escreveu uma carta ao Papa Paulo VI narrando o drama que passava. Cerca de três meses depois, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns receberia uma carta do Cardeal Villot acusando o recebimento da carta da mãe de Alexandre e pedindo que lhe fosse encaminhada uma palavra de coragem naquele momento de aflição.

A morte do estudante também causou indignação ao então deputado do partido de oposição Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Lysáneas Maciel, que em discurso na Câmara dos Deputados, denunciou o fato. O discurso nunca foi publicado pela imprensa.

No dia 26 de maio de 1973, Gilberto Gil realizou um show dentro da USP em homenagem a Alexandre, no qual cantou “Cálice”, canção proibida pelo regime militar.

Alexandre Vannucchi Leme tornou-se um símbolo na luta contra o regime

## 40 ANOS DEPOIS



ALEXANDRE VANNUCCHI LEME  
estudante de geologia da USP  
5.10.1950 – 17.03.1973

## ALEXANDRE VIVE!

militar. A Igreja Católica passou a utilizá-lo como forma de denúncia às violações aos direitos humanos que ocorriam naquele momento.

O Brasil responsabilizou-se pela sua morte ao julgar o requerimento proposto por seus pais, José e Egle Vannucchi Leme, perante a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos em 1997. Porém, os seus carrascos até hoje ainda não foram responsabilizados.

Lembrar Alexandre Vannucchi Leme é necessário para não permitir que as violações aos direitos humanos continuem a ocorrer.

## PARA NUNCA MAIS CALAR

Jânio Bragança (Facebook)

Há 40 anos os estudantes da USP laçaram o manifesto “Quem cala, Consente”, em protesto contra a morte do “Minhoca”, apelido de Alexandre Vanuchi Lemos, assassinado nos porões da ditadura, acusado de terrorista.

Nos anos 1970 eu fui presidente do DCE da UFMG. Convocamos a primeira greve nacional dos estudantes depois do fechamento da UNE pelo regime militar. Não nos intimidamos pela presença da repressão. Fomos para o pau. Muitos de nós fomos presos...

Começamos as maiores manifestações estudantis, que levaram outras categorias entrarem na luta das massas. Vieram as lutas pela Anistia, as lutas operárias com a liderança do ABC.

Mudamos a face do Brasil. Este Brasil que hoje, precisa ser mudado de novo.

Agora sou uma democracia temos que lutar contra a corrupção. Contra a violência urbana. Contra o inchaço dos três poderes com seus salários absurdos. Pela valorização do funcionalismo e redução drástica do empreguismo e dos cargos “desconfiança”.

Pelo lazer, cultura e defesa do meio ambiente. Enfim, Justiça social.

Porque nós também mudamos, somos hoje profissionais liberais, funcionários públicos, ministros de estado, deputados, senadores, empresários.

Mas Quem Cala Consente!